

## ***Encuentro de la Cultura Cubana: exílio intelectual, identidade cubana e dissidência política***

**Thiago Henrique Oliveira Prates**

Mestrando em História pela UFMG, bolsista Capes

[thoprates@gmail.com](mailto:thoprates@gmail.com)

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é discutir a formulação de um novo espaço de sociabilidade de intelectuais cubanos no exílio através da revista *Encuentro de la Cultura Cubana*, publicada em Madrid nas décadas de 1990 e 2000. Analisaremos como este periódico congregou intelectuais dissidentes do governo cubano que constituíram uma oposição política ao regime socialista e como buscou articular novos projetos para Cuba pautados na defesa da democracia, da diversidade e justiça social.

**PALAVRAS-CHAVE:** Revolução Cubana, Exílio, Intelectuais.

**ABSTRACT:** This article discusses the creation of a new space of intellectual sociability for Cubans on exile based on the magazine *Encuentro de la Cultura Cubana* during the decades of 1990 and 2000. We analyze how this periodical congregated Cuban intellectual dissidents that constituted a political opposition to the socialist regime and how the magazine tried to formulate new projects to the island established on the defense of democracy, diversity and social justice.

**KEYWORDS:** Cuban Revolution, Exile, Intellectuals.

### **Introdução**

A revista *Encuentro de la Cultura Cubana* (a partir de agora *Encuentro*) foi fundada em 1996 em Madri pelo escritor cubano exilado Jesús Díaz cujo propósito era publicar uma revista na qual fossem possíveis diferentes reflexões sobre a cultura cubana. Seu primeiro volume a apresenta como um espaço de voz para todos os cubanos, dentro ou fora da ilha, lamentando a atual divisão do povo de Cuba em pelo menos dois grupos representados, a princípio, como irreconciliáveis, a saber: os exilados e os que permanecem na ilha. A revista se propôs como um espaço de união e reflexão sobre a *cultura* da ilha em toda a sua diversidade, elemento que para os editores incorpora todos cubanos em um único e indivisível grupo.

*Encuentro de la Cultura Cubana* se constituiu como um periódico de intelectuais cubanos exilados na Espanha aberto ao debate sobre o presente, o passado e o futuro de Cuba, abordando assuntos como política, economia, arte e cultura. Para tanto, a revista buscou congregar escritores e artistas de dentro e de fora da ilha com o intuito de vencer a barreira imposta pelo exílio, prática

esta que teria se tornado uma condição da cultura cubana após a vitória dos revolucionários em 1959.<sup>163</sup>

O presente trabalho pretende analisar este periódico desde seu primeiro número, no verão espanhol de 1996, até o seu vigésimo quinto exemplar em 2002, alguns meses após a morte de seu primeiro diretor Jesús Díaz. Buscamos aqui compreender como a revista congrega intelectuais dissidentes do governo e cria um novo espaço de sociabilidade intelectual distinto daquele presente na ilha, além de analisar como a condição exílica fornece elementos para a construção da crítica ao regime. Desta maneira, analisamos *Encuentro* como espaço de oposição política e de articulação de novos projetos para Cuba distintos das propostas levadas a cabo pelo regime castrista<sup>164</sup>.

Entendemos o periódico de tal maneira por considerá-lo como ator político inserido em uma vasta rede social permeada por conflitos dos quais as revista seriam narradoras, comentaristas e participantes, como propõe Héctor Borrat.<sup>165</sup> Partindo do princípio que os conflitos pautam-se na troca de informações entre os grupos em luta, os periódicos, entendidos enquanto meios de comunicação, seriam importantes vetores de troca de mensagens para os atores envolvidos no embate. *Encuentro* se configurou então como um ator social fundamental nas relações de força e de poder na ilha. A imprensa, aqui compreendida como prática constituinte da realidade social e uma força ativa, assimila não só interesses e projetos de distintos grupos sociais, mas é também um espaço privilegiado para a articulação desses projetos.<sup>166</sup>

### **Jesús Díaz e a fundação de Encuentro de la Cultura Cubana**

Para compreendermos a criação de *Encuentro* é necessário retornar ao ano de 1994, quando se iniciaram as primeiras discussões sobre a sua fundação, durante as comemorações dos cinquenta anos da revista *Orígenes*.<sup>167</sup> Nesta celebração, o escritor cubano Jesús Díaz, exilado desde 1991, organizou um seminário no mesmo ano de 1994 para reunir escritores e críticos literários cubanos residentes dentro e fora da ilha. Ao longo o evento, Jesús Díaz anunciou seu intento de publicar uma revista que colocasse em pauta distintas reflexões sobre a cultura cubana. No ano

---

<sup>163</sup> ROJAS, Rafael. *Tumbas sin sosiego: revolución, disidencia y exilio del intelectual cubano*. Barcelona: Anagrama, 2006, p. 24.

<sup>164</sup> Gostaríamos de ressaltar que *Encuentro de la cultura cubana* é um periódico pouquíssimo estudado, especialmente no Brasil. Embora a revista seja utilizada como *bibliografía* para discutir a realidade cubana, poucos historiadores utilizaram a mesma como *fonte histórica*.

<sup>165</sup> BORRAT, Héctor. *El periódico, actor político*. Barcelona: Ed. Gustavo Gili, 1989.

<sup>166</sup> CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. *Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa*. *Projeto História*, São Paulo, n. 35, dez. 2007, p. 253-270.

<sup>167</sup> *Orígenes* foi uma revista cubana de arte e literatura criada em 1944 que teve como diretores importantes nomes da intelectualidade da ilha, como José Lezama Lima, Mariano Rodríguez, Alfredo Lozano e José Rodríguez Feo. Editada até 1956, foi uma das revistas de maior importância e impacto na sociedade cubana.

seguinte, 1995, foi criada a *Asociación Encuentro de la Cultura Cubana* que iria subvencionar a revista, publicada pela primeira vez em 1996.

Jesús Díaz manteve a direção de *Encuentro* até a sua morte em maio de 2002. De 2002 até 2006 a condução dos trabalhos da revista ficou sob a tutela do historiador cubano Rafael Rojas, exilado no México. De 2006 até o seu fim, em 2009, o escritor cubano Manuel Díaz Martínez ocupou o cargo de diretor. Do início ao fim, isto é, de 1996 a 2009, o Conselho de Redação da revista permaneceu praticamente inalterado, sofrendo ligeiras modificações: Velia Cecilia Bobes, Elizabeth Burgos, Manuel Díaz Martínez, Josefina de Diego, Carlos Espinosa, Antonio José Ponte, Rafael Rojas, Luis Manuel García, Iván de La Nuez, Marifeli Pérez-Stable, Rafael Zequeira, Eliseo Alberto, Jorge Luis Arcos. Este é composto não apenas por cubanos, mas também por intelectuais de outras nacionalidades, como a antropóloga venezuelana Elizabeth Burgos.

*Encuentro de la Cultura Cubana* possuiu periodicidade trimestral e manteve uma linha editorial e uma estrutura em sua publicação bastante estáveis. Em uma sessão chamada *Dossier*, a revista *sempre* homenageou renomados intelectuais cubanos, tratando de publicar partes de sua obra, de comentar sua produção e mesmo de divulgar entrevistas. Nesta sessão ainda se encontram artigos, ensaios e reflexões sobre temas políticos e assuntos recentes em Cuba, além de debates sobre a própria história da ilha. *Textual* é uma sessão dedicada a publicação de documentos dispersos ao redor do mundo que tratam de Cuba ou da própria revista, incluindo informes do governo cubano. Ocupa-se também de comentar assuntos específicos. *En proceso* se configura como um pequeno espaço para ensaios sobre temas políticos variados. Outras partes da revista se dedicam a tratar da literatura e arte cubana em geral. *Encuentro* possui também uma sessão chamada *Buena Letra*, que visa comentar e divulgar as novas produções de autores cubanos ou autores que tratam da ilha. *La Isla en Peso* pretende informar o leitor sobre acontecimentos culturais e políticos dentro e fora de Cuba, como prêmios, eventos e produções artísticas. Por fim, a revista dedica um espaço para a publicação de cartas dos leitores.

O periódico surge na conturbada década de 1990 durante a intensa crise do socialismo na ilha. Já a partir de finais dos anos 1980, progressivamente Cuba deixa de receber o apoio econômico de seus antigos aliados do bloco soviético, como alimentos e petróleo a preço subsidiado, além de não mais obter ajuda financeira após o fim da União Soviética. No período 1990-1993, o PIB cubano retraiu-se em mais de 30%, a importação de combustíveis decaiu aproximadamente 72% e de outros produtos 76%.<sup>168</sup> Dado o fracasso econômico, o governo

---

<sup>168</sup> GOTT, Richard. *Cuba: A new history*. New Haven: Yale University Press, 2004, p. 286-298.

cubano instaura o chamado Período Especial em Tempos de Paz, iniciando um processo de reformas estruturais da sua vida política, econômica e cultural.

Neste período a Revolução passa então por uma grande crise, enfrentando o enfraquecimento e a descrença na ideologia revolucionária, abrindo espaço para uma nova oposição e para as críticas dos antigos inimigos. Rojas afirma que a partir de 1992, após a queda do Muro de Berlim e da desintegração da União Soviética, a oposição cubana deixa de lado a escolha militar para derrotar Castro e decide adotar então novas modalidades como a pressão comercial, migratória e diplomática a favor de uma democratização do regime cubano, apoiando a constituição de uma dissidência pacífica na ilha.<sup>169</sup> Surge neste momento uma nova oposição interna<sup>170</sup> e vários intelectuais se mobilizam em crítica ao regime. Descontentes com o presente da ilha, eles demandam maior liberdade de participação e deliberação acerca dos projetos e reformas a serem implementadas, muitas vezes sofrendo com a repressão e tendo que recorrer ao exílio.<sup>171</sup>

O criador de *Encuentro* parte da ilha neste difícil momento da Revolução. Jesús Díaz trabalhou com o regime cubano desde a vitória dos rebeldes em 1959. Revolucionário convicto, dirigiu *El Caimán Barbudo*, suplemento literário de *Juventud Rebelde*, jornal da União dos Jovens Comunistas. O periódico buscou trazer debates sobre uma nova literatura que fugia ao dogmatismo e propunha a experimentação e inovação. Nestas páginas de *El Caimán Barbudo*, Heberto Padilla elogiou em 1967 a obra do exilado Guillermo Cabrera Infante e criticou a produção do comunista Lisandro Otero.

O caráter heterodoxo de Jesús Díaz esteve também presente na fundação de sua revista *Pensamiento Crítico*, alinhada às correntes da nova esquerda europeia. Díaz e seus companheiros de edição buscaram trazer temas como o Maio de 1968 francês, o *black power* estadunidense e o pensamento de autores como Gramsci, Luckacs e Marcuse. Sua revista foi fechada por ordem de

---

<sup>169</sup> ROJAS, Rafael. *Tumbas sin sosiego*, p. 13.

<sup>170</sup> Em 1988 surge o *Movimiento Cristiano de Liberación* de Oswaldo Payá, movimento ligado às democracias cristãs. Durante o processo de reestruturação da ilha, tal grupo constituiria internamente uma das principais oposições ao regime castrista, articulando-se mesmo em torno de um projeto de lei proposto por Payá em 1998 que exigia reformas políticas a favor de maiores liberdades individuais, conhecido como *Proyecto Varela*. Em 2002 Payá teria apresentado à Assembleia Nacional Cubana mais de 11.000 assinaturas a favor de seu projeto.

Ainda sobre a insatisfação e oposição crescente em Cuba, em 5 de Agosto 1994 centenas de pessoas foram às ruas de Havana em protesto contra a precária situação da ilha, no que ficou conhecido como *Maleconazo*. Fidel Castro mobilizou a polícia e grupos de apoio ao regime para tentar frear os protestos.

<sup>171</sup> GOTT, Richard. *Cuba: A new history*, p. 314-320.

Raul Castro no mesmo momento em que foi dissolvido o Departamento de Filosofia da Universidade de Havana, onde era professor.<sup>172</sup>

Figura polêmica, Jesús Díaz defendeu o processo revolucionário durante grande parte de sua vida. Até 1991 exerceu a função de secretário do núcleo do partido comunista no Instituto Cubano de Arte e Indústria Cinematográfica (ICAIC). Seu rompimento com a Revolução viria em 1989, quando um tribunal militar cubano ordenou o fuzilamento de Arnaldo Ochoa e Tony de la Guardia por traição e por tráfico de cocaína. Díaz, aproveitando-se de uma bolsa de estudos, parte para a Alemanha, onde trabalhou em seu romance *Las palabras perdidas*.

Jesús Díaz declarou-se oficialmente dissidente e exilado em 1992, afirmando não estar de acordo como o lema “*socialismo o muerte*” de Castro. Díaz explica seu posicionamento ao longo de sua trajetória como intelectual sob o regime revolucionário: “Yo amaba tanto a esta gran revolución que aceptaba su silencio como si fuese inevitablemente necesario. Creo haberme equivocado. Sin embargo la decisión siempre era trágica porque al final había la prisión o Miami”.<sup>173</sup> Ainda sobre sua dissidência, em uma entrevista concedida à revista *Lateral* de Barcelona em 2002, Díaz afirmou que deixou Cuba por “Estaba muy desencantado de la experiencia de la revolución. Todo aquello había terminado en una dictadura terrible, y yo me sentía muy en contra”.<sup>174</sup>

Da mesma maneira que Jesús Díaz, outros intelectuais cubanos decidem partir da ilha, constituindo então uma nova oposição ao socialismo em Cuba. Embora reúna diversos e distintos colaboradores, *Encuentro* faz parte desta dissidência política. Ela incorpora intelectuais que se exilaram em períodos anteriores e também a nova dissidência que participou do regime castrista ou que cresceu e se formou sob o mesmo.

Posicionando-se como um espaço de debate sobre passado, presente e futuro da ilha, *Encuentro de la Cultura Cubana* buscou formar um local livre para o exame da realidade cubana, aceitando contribuições de cubanos residentes na ilha, de exilados e mesmo de intelectuais estrangeiros. A revista propõe uma abertura a pontos de vista contraditórios e mesmo opostos, buscando sempre fomentar a polêmica e o debate. *Encuentro* tem como objetivo a formação de uma sociedade plural, porém recusa-se a publicar ataques pessoais e declarações violentas no que diz respeito à realidade cubana, táticas usadas por grande parte dos periódicos destinados a criticar o socialismo na ilha.

<sup>172</sup> DA FONSECA, Vilma L. (2006). Encuentro de la cultura Cubana: Intelectuais Dissidentes e Revistas Culturais. *Revista Brasileira do Caribe*, Julio-Diciembre, 243-288.

<sup>173</sup> SIMMEN, A. Tras la muerte de Jesús Díaz. *Encuentro de la cultura cubana*. Madrid, n. 25, 2002, p. 67.

<sup>174</sup> GONZÁLEZ, S *apud* DA FONSECA, Vilma L. *Encuentro de la cultura Cubana*, p. 269.

Mesmo afirmando não estar vinculada a nenhum partido ou movimento político, a revista recebeu apoio financeiro do Partido Social Democrata da Suécia, da Fundação Olof Palme, da Fundação Pablo Iglesias, da Fundação Ford, da Junta de Andalucía, da Dirección General del Libro del Ministerio de Educación y Cultura, de Caja Madrid e do organismo National Endowment for Democracy.<sup>175</sup> *Encuentro* conglomerou diversos autores bastante moderados e, apesar dos vários espectros políticos presentes e de assuntos os mais distintos, a maioria dos escritores e intelectuais que nela publicam ou que são apresentados em suas páginas possuem trajetórias pessoais vinculadas a matrizes políticas do pensamento republicano na ilha. Isto fica bastante claro também na análise dos intelectuais homenageados e dos escritores divulgados em suas páginas.

A revista é lida de forma clandestina em Cuba e, a cada tiragem semestral, cerca de mil e quinhentos exemplares são remetidos para a ilha. Eles entram por vias não oficiais, através de turistas e diplomatas, sendo vendidas ou distribuídas onde se podem encontrar livros proibidos pela censura<sup>176</sup>, além de haver sido disponibilizada online desde seu fim em 2009.

O último número da revista publicado em 2009 comenta acerca de seu melancólico fim. A *Asociación Encuentro de la Cultura Cubana* teria sido forçada a fechar suas portas em meio a crise financeira internacional, uma vez que tanto as agências governamentais como as fundações perderam sua capacidade de financiamento e suspenderam as subvenções. Em Outubro deste mesmo ano de 2009 a *Asociación* teria sido obrigada a despedir quase todo seu pessoal e embora existisse um projeto para a continuação da revista, este se viu frustrado.<sup>177</sup>

*Encuentro* durou quase 14 anos e chegou ao número 54 em suas publicações, quantidade surpreendente para uma revista que sobreviveu sem os apoios institucionais do país de origem. Outras importantes revistas cubanas sobreviveram menos tempo na própria ilha: *Revista Avance*, de 1930, morreu aos três anos com 50 números, *Orígenes* pereceu aos doze anos, 1944-1956, atingindo 40 publicações e *Ciclón* mal chegou aos seus dois anos.<sup>178</sup>

### ***Encuentro e o exílio cubano***

Embora a revista traga temáticas variadas em suas páginas, o exílio aparece em todos os seus exemplares e serve mesmo como força condutora. Nos parece então interessante o conceito de *editorialismo programático* como motor propulsor a revista, tal qual proposto por Fernanda

---

<sup>175</sup> Depoimento da diplomata Annabelle Rodríguez, que participou da fundação da revista com Jesús Díaz, concedido a revista *Letras Libres*. Disponível em: [www.letraslibres.com](http://www.letraslibres.com). Acesso em: 29/04/2013.

<sup>176</sup> Depoimento da diplomata Annabelle Rodríguez..., [www.letraslibres.com](http://www.letraslibres.com). Acesso em: 29/04/2013.

<sup>177</sup> Introducción. *Encuentro de la Cultura Cubana*, Madrid, n. 53-54, 2009, p. 3-4.

<sup>178</sup> Introducción. *Encuentro de la Cultura Cubana*, Madrid, n. 53-54, 2009, p. 3-4.

Baigel.<sup>179</sup> Entendemos que a articulação entre literatura e política, entre os textos presentes na revista, gira em torno do exílio e da oposição ao regime castrista, que através destes assuntos os intelectuais presentes em *Encuentro* conformem um mesmo projeto, compartilhando uma similar perspectiva e posicionamento político.

É bastante notável a proposta de integração dos cubanos levada a cabo pela revista ao se observar suas sessões denominadas *Buena Letra* e *La Isla en Peso*. Como dito anteriormente, a primeira é dedicada a analisar, comentar e divulgar as novas produções de autores cubanos ou autores que tratam de Cuba. Visa colocar os cubanos de todo em contato com a própria produção da ilha e de fora dela, possibilitando o diálogo entre as partes. *La Isla en Peso* pretende informar o leitor sobre os acontecimentos culturais e políticos dentro e fora de Cuba, como prêmios, eventos, exposições, produções artísticas, notícias sobre indivíduos considerados proeminentes, listas de intelectuais que partem da ilha.

Ambas as sessões chegam a ocupar mais de 40 páginas da revista, constituindo-se como um grande esforço de seus editores para recuperar uma parte do cotidiano da ilha e de colocar os indivíduos em contato com a própria cultura. Evidencia desta forma o projeto de unir os cubanos, uma maneira de servir como instrumento de diálogo entre eles, um ponto de encontro, como será observado no próximo tópico.

Aqui nos é cara a compreensão da revista enquanto *texto coletivo*.<sup>180</sup> Não buscamos percebê-la enquanto bloco monolítico e estático ao longo de seu devir histórico, apagando os debates e lutas internas para a elaboração de um projeto, dando-lhe um caráter de cordial consenso: o periódico reúne autores e temas que conflitam entre si e divergem em suas opiniões acerca dos mais variados assuntos. A mesma revista agrupou em um mesmo momento indivíduos como o historiador Rafael Rojas, que chega a classificar o regime castrista como totalitário<sup>181</sup>, e o poeta e cineasta José Antonio Ponte, que foi membro de uma das principais instituições culturais da ilha, a União dos Escritos e Artistas de Cuba (UNEAC), até ser expulso em 2003. O que nos permite refletir acerca de um projeto coletivo em suas páginas é a congregação de autores que compartilham a condição exílica ou se debruçam sobre a mesma.

---

<sup>179</sup> BEIGEL, Fernanda. (2003). Las revistas culturales como documentos de la historia latinoamericana. *Utopía y Praxis Latinoamericana*, enero-marzo, 108.

<sup>180</sup> SARLO, Beatriz. Intelectuales y revistas: razones de una práctica. *América, Cahiers du CRICCAL*, París, Sorbonne la Nouvelle, n. 9-10 (1992).

<sup>181</sup> Cf. ROJAS, Rafael. *Tumbas sin sosiego*; \_\_\_\_\_. *Isla Sin Fin: Contribución a la crítica del nacionalismo cubano*. Miami: Ediciones Universal, 1998.

O que une estes intelectuais exilados em *Encuentro* é a conformação de uma dissidência e oposição política ao regime castrista. Em suas páginas a intelectualidade encontrou espaço para a crítica ao governo cubano e para debates proibidos na ilha. Os escritores convidados à participação pela revista são justamente aqueles perseguidos, censurados e hostilizados pelo regime que se encontram no momento no exílio ou aqueles que foram calados dentro da ilha, os chamados *insiliados*, aqueles que enfrentam uma espécie de exílio interno. Da mesma maneira, os intelectuais elogiados por *Encuentro* são em sua maioria figuras desprezadas ou marginalizadas pelo governo revolucionário. O próprio panteão erigido pela revista se constituiu enquanto um desafio ao castrismo.

Entretanto não basta fixar o projeto coletivo de *Encuentro de la Cultura Cubana* apenas ao redor de autores exilados e dissidentes políticos. A revista buscou em suas páginas afastar-se não apenas do discurso autoritário e excludente do regime castrista, mas também de um conservadorismo bastante presente nos grupos exilados hegemônicos de Miami, também segregador em seu discurso elitista e fervorosamente anticomunista, ainda que reconhecesse o caráter diverso da comunidade cubana da Flórida. Jesús Díaz ataca de forma aberta e direta a Fundação Nacional Cubano-Americana (*Cuban American National Foundation*) de Jorge Mas Canosa, principal rival do regime castrista nos anos 1990 e 2000, e uma concepção de sociedade excludente vinda deste grupo.<sup>182</sup>

De fato os intelectuais de *Encuentro* tentaram ao máximo se distanciar de discursos que propusessem separar e deslegitimar os cubanos em toda sua pluralidade. A revista buscou mobilizar um discurso de integração, não segregação. Seu objetivo é vencer a dolorosa barreira imposta pelo exílio, é unir os cubanos uma vez mais. Para tanto, *Encuentro* resgata autores cubanos de dentro e de fora da ilha, suas páginas possuem também o intuito de dar notoriedade a indivíduos marginalizados internamente em Cuba. Sua razão de existência é criar espaços de diálogos e não emudecer as muitas vozes que compõem a sociedade cubana. Ela procurou manter os cubanos em contato para que sua cultura não se fragmente e não se perca no tempo e espaço. *Encuentro* temia que um projeto nacionalista de esquerda demasiado estreito ou uma posição reacionária pautada no ódio possam minar a própria noção de Cuba por não serem mais capazes de articular discursos que congreguem os cubanos, e ao mesmo tempo que excluam a possibilidade do diálogo com um outro discurso que possua uma proposta alternativa.

A solução para o impasse sugerida pelos intelectuais de *Encuentro* é a noção da *cultura como lugar de encontro*, um elemento de união de toda a população cubana independentemente de sua

---

<sup>182</sup> DÍAZ, Jesús. Una delicada bomba de tiempo. *Encuentro de la Cultura Cubana*, n. 3, 1996-1997, p. 132-133.



distribuição geográfica. A revista abandona a perspectiva excludente do regime e propõe que toda produção cultural exercida pela comunidade cubana deva ser levada em consideração no processo de construção identitária. Ainda que *Encuentro* tenha mobilizado um discurso contra o autoritarismo presente no governo da ilha, ela comenta e divulga os eventos e obras promulgadas por intelectuais do regime: a sessão intitulada *Miradas polémicas* visa trazer o debate entre os membros da revista e aqueles que não estão a ela ligados. Seu intuito era promover a discussão entre os indivíduos que estão dentro e fora da ilha.<sup>183</sup>

Em uma entrevista ao *Le Monde* e publicada em *Encuentro de la Cultura Cubana*, Jesús Díaz considera a revista como uma ponte de união por cima dos antagonismos e que teria revelado uma nova geração de escritores. *Encuentro* é entendida pelo seu criador como um lugar de encontro democrático e de superação dos antagonismos, um local de debate. A revista teria oferecido espaço para todo aquele que se encontra em uma vida cultural tragicamente fragmentada.<sup>184</sup>

O primeiro volume da revista delinea esta percepção. Gastón Baquero tenta superar os ditames excludentes revolucionários e afirmar uma identidade comum a todos cubanos:

À identidade cultural cubana pertencem por igual todos os que de um modo ou de outro contribuem para sua vigência atual, e por tanto para sua vigência futura. O organismo vivo que é uma cultura nacional está nutrido com as contribuições de todos: homes e mulheres, jovens e velhos, tradicionalistas e inovadores, ativistas ou indiferentes em política, na religião, e nas tarefas profissionais e artesanais.<sup>185</sup>

A cultura é um lugar de encontro em si mesma, ela supera os focos de dispersão. Para Baquero, *Encuentro* deseja superar a política ao eleger a cultura como seu tema principal, pois esta seria a expressão máxima da história e do ser cubano. Ele aponta a necessidade de promover e

---

<sup>183</sup> *Encuentro* chega mesmo a oferecer espaços para a publicação de textos de intelectuais castristas que visam criticar a revista. Nos números 16/17 e 18 Jesús Díaz publica as duras críticas de Aurelio Alonso, sociólogo da Universidade de Havana, e as responde abertamente no que tange ao seu posicionamento político e trajetória intelectual. Lisandro Otero, um dos principais intelectuais do regime, também tem sua carta publicada no décimo oitavo número atacando as posições da revista. Aberto o espaço para a polémica, Emilio Ichikawa envia uma carta a *Encuentro* em seu décimo novo número. Nela coloca as críticas dos intelectuais castristas à revista e afirma existir dentro da ilha uma mudança da opinião oficial do regime em relação à mesma. Sobre a polémica, conferir: ALONSO, Aurelio. Réplica. *Encuentro de la Cultura Cubana*, n. 16/17, 2000, p. 120-121; DÍAZ, Jesús. Dúplica. *Encuentro de la Cultura Cubana*, n. 16/17, 2000, p. 122-123; DÍAZ, Jesús. Carta Abierta a Aurelio Alonso. *Encuentro de la Cultura Cubana*, n. 18, 2000, p. 166-168; OTERO, Lisandro. Carta. *Encuentro de la Cultura Cubana*, n. 18, 2000, p. 186; DÍAZ, Jesús. Respuesta. *Encuentro de la Cultura Cubana*, n. 18, 2000, p.187-188; OTERO, Lisandro. Réplica. *Encuentro de la Cultura Cubana*, n. 18, 2000, p. 189-194; SANTÍ, Enrico Mario. Dúplica. *Encuentro de la Cultura Cubana*, n. 18, 2000, p. 195-196; ICHIKAWA, Emilio. Carta a la revista Encuentro de la Cultura Cubana. *Encuentro de la Cultura Cubana*, n. 19, 2000-2001, p. 134-136. Ainda que a *Encuentro* abra este espaço para criticar os intelectuais castristas, nos parece extremamente inovador em uma revista de oposição ao regime cubano publicar as opiniões e textos de seu rival político.

<sup>184</sup> MASPERÓ, François. Encuentro entre la isla y lo el exilio. *Encuentro de la Cultura Cubana*, Madrid, n. 10, 1998, p. 101.

<sup>185</sup> BAQUERO, Gastón. La cultura nacional es un lugar de encuentro. *Encuentro de la Cultura Cubana*, Madrid, n. 1, 1996, p. 4.

realizar encontros entre escritores e artistas que vivem dentro e fora da ilha de forma a expandir o diálogo. Os intelectuais e a revista oferecem o melhor caminho para o reencontro dos exilados, pois são protagonistas de uma cultura cuja identidade ultrapassa fronteiras e diversidades geográficas.<sup>186</sup>

A articulação de uma identidade que supera os limites da ilha é uma poderosa arma de *Encuentro* para exercer a crítica ao regime castrista. Previamente citado, Rafael Rojas afirma que a prática exílica se constitui como condição da cultura cubana após 1959. Nesta perspectiva a produção cultural dos exilados seria integrada àquela da ilha. A divisão da literatura cubana segundo o seu lugar geográfico de criação tal qual defendida pelo regime castrista é negada por *Encuentro* e tida como injusta.<sup>187</sup> Toda a produção exercida por cubanos, independente de seu lugar social e geográfico, deveria estar inclusa naquilo que se convencionou chamar de cultura cubana.

Neste sentido, o discurso cultural mobilizado por *Encuentro* buscou dar legitimidade à produção fora de Cuba. A *cubanidade* não seria um conceito produzido unicamente na ilha, mas também em terras estrangeiras, especialmente nos Estados Unidos.<sup>188</sup> A revista exerceu um esforço visando recuperar uma tradição de pensamento acerca do país que se constituiu no exterior. Martí, Heredia e Varela seriam alguns dos grandes nomes do panteão de heróis cubanos que discursaram sobre a identidade da ilha fora de sua terra natal. De maneira semelhante, vários intelectuais do período republicano viveram e se formaram nos Estados Unidos, posteriormente exilando-se no mesmo país. Para *Encuentro*, tal fato ilustraria a possibilidade de uma escrita cubana em terras estrangeiras.<sup>189</sup>

Ao refletir sobre a própria experiência, Lourdes Tomás se pergunta: é possível ser cubana fora de Cuba? A autora argumenta que a pátria começa a lhe perseguir a partir do momento em que tenta negá-la, deste momento em diante ela adentra em todos os aspectos de sua vida. Para ela ser cubano é um ato de percepção de si mesmo. Se as datas comemorativas remontam à memória do indivíduo, se ele consegue conceber-se como alguém que não existiria se nunca houvesse escutado a música cubana, alguém que não consegue perceber o próprio *eu* sem saber quem foi José Martí, então se pode dizer que é cubano, dentro ou fora da ilha. Cuba é algo que se sente na alma.<sup>190</sup> Cuba é uma comunidade de sentido.

<sup>186</sup> BAQUERO, Gastón. *La cultura nacional*, p. 4

<sup>187</sup> ARAGÓN, Uva de. Palabras por Encuentro. *Encuentro de la Cultura Cubana*, Madrid, n. 16-17, 2000, p. 130.

<sup>188</sup> LUIS, William, El lugar de la escritura. *Encuentro de la Cultura Cubana*, Madrid, n. 15, 1999/2000, p. 50-51.

<sup>189</sup> \_\_\_\_\_. *El lugar de la escritura*, p. 59-60.

<sup>190</sup> TOMÁS, Lourdes. Una incolora respuesta. *Encuentro de la Cultura Cubana*, Madrid, n. 18, 2000, p. 87

Assim, se a prática exílica foi percebida por muitos indivíduos como uma experiência dolorosa e nostálgica em *Encuentro de la Cultura Cubana*, ela também foi expressa enquanto *possibilidade*. O exílio fornece aos escritores e artistas cubanos a oportunidade de construir um discurso distinto daquele que é produzido dentro da ilha e pelos intelectuais orgânicos do regime.

O exílio, para além do sentimento de *não-lugar*, o entendemos também como um *entre-lugar*, um espaço ocupado por indivíduos e onde os mesmos se rearticulam sem perder o referencial da terra natal. Walter Mignolo aponta para a territorialidade da construção dos discursos e para a cultura como um modo de sobrevivência nos diferentes espaços. A cultura cria elos inéditos e vinculações que em outro território talvez não viesse a existir. Neste sentido Mignolo sugere examinar como neste novo território os laços de pertencimento são costurados, que enunciações podem dele partir e que horizontes ele apresenta de uma forma não discernível para quem não é dali.<sup>191</sup> Desta forma, cabe pensar como a crítica do exílio pode contribuir para a atualização dos modos pelos quais ainda hoje se organiza a sociedade cubana. Justamente por estarem fora da ilha, os exilados se reúnem ao redor de um *locus* que permite uma nova enunciação distinta daquela feita dentro de Cuba. A própria revista *Encuentro* percebe na diáspora a possibilidade de reconfigurar o discurso sobre a cubanidade.<sup>192</sup>

No exílio os intelectuais não estariam submetidos às condições de seus pares que permaneceram na terra natal, não sofreriam com a censura e a repressão que impediria o livre processo criativo e enfraqueceria a dissidência e oposição dentro da ilha. O escritor cubano exilado encontra fora de seu país um novo local de articulação para o seu discurso, um novo *locus* de produção de conhecimento e arte. Ao longo de sua trajetória *Encuentro* buscou criar e explorar espaços alternativos para o debate e a formulação de manifestações culturais, elencando elementos divergentes dos ditames revolucionários no processo de formulação de uma nova identidade cubana.

Se torna então importante para nós a noção de hegemonia formulada por Gramsci e a atuação dos intelectuais em sua construção. Segundo o marxista italiano os diversos grupos sociais visam impor a outros suas crenças, valores e percepções de mundo através da construção de uma ideologia e da apropriação da produção dos bens simbólicos no campo cultural.<sup>193</sup> Por possuir a capacidade técnica necessária, os chamados intelectuais orgânicos seriam os

---

<sup>191</sup> MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia M. (2011). Intelectuais no exílio: onde é a minha casa? *Dimensões*. Revista de História da UFES, vol. 26, 2011, p. 169 e MIGNOLO, Walter. *Local histories/global designs: coloniality, subaltern knowledges, and border thinking*. Princeton: Princeton University Press, 2000.

<sup>192</sup> GIL, Lourdes. El doble discurso literario de la extrainsularidad. *Encuentro de la Cultura Cubana*, Madrid, n. 14, 1999, p. 148.

<sup>193</sup> GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988

responsáveis pela elaboração destes bens e pela formulação de manifestações culturais que corroborariam para a dominação de classe ou grupo ao qual pertencem ou simpatizam.

Após 1992 a ilha passa por uma crise de identidade e de memória, levando o regime a repensar o próprio projeto e identidade revolucionária. De acordo com Rafael Rojas, o projeto cultural da ilha nos anos 1990 falha redundantemente, baseando-se em discursos contraditórios e sem padrões, recuperando de forma aleatória autores e símbolos da história cubana sem conseguir os relacionar de forma apropriada à ideologia revolucionária também em crise.<sup>194</sup>

Nesta medida, a identidade cubana tal qual articulada pelo regime castrista é colocada em xeque. Bauman nos apresenta a cultura como uma forma de autoconsciência da sociedade moderna. A força que garante o sucesso de uma construção identitária depende da cultura, de educação, treinamento e ensino. A crença moderna de que a cultura, mesmo ambivalente, fornece uma certa ordenação para a compreensão do mundo e das práticas humanas é em grande medida importante para a estruturação de identidades.<sup>195</sup>

### ***Encuentro e o intelectual cubano***

O abalo da hegemonia construída pelo regime revolucionário abre espaço para novos enunciados e para o embate pelo poder e pela legitimidade da palavra. Os intelectuais de *Encuentro* desafiaram o regime castrista ao tentar competir contra sua produção cultural institucionalizada, buscando estabelecer uma nova hegemonia através de um discurso que exerceu a crítica aos elementos autoritários presentes na atual cultura cubana e às práticas excludentes levadas a cabo pelo governo.

*Encuentro de la Cultura Cubana* dedicou grande espaço à reflexão sobre o intelectual, seu papel e atuação na sociedade cubana. A discussão torna-se importante na medida em que a própria revista se compõe como uma rede de sociabilidade de intelectuais, um local para a articulação e troca de ideias entre estes. Assim, o debate nos sugere a percepção que os intelectuais que conformam seu corpo editorial e seus contribuintes possuem de si mesmos.

O intelectual tal qual representado por *Encuentro* difere da imagem construída pelo regime castrista. Para este, o intelectual verdadeiro é aquele que se entrega de corpo e alma a consolidação da revolução, seu papel como indivíduo crítico se faz na medida em que contribui para construção de uma sociedade socialista na ilha. Suas obras, sua atuação e suas opiniões deveriam se dirigir a este propósito, sua trajetória deveria se ligar diretamente à da Revolução e a produção deveria mesmo se submeter às suas necessidades.

<sup>194</sup> ROJAS, Rafael. *Isla sin fin*, p. 41-42.

<sup>195</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Ensaíos sobre o conceito de cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012, p. 11-69.

*Encuentro de la Cultura Cubana* diverge de tal noção e se posiciona diretamente oposto a ela. Para seus membros, a entrega total à Revolução se constitui como negação do caráter crítico que fundamenta o trabalho intelectual. Nesta perspectiva, o engajamento nos moldes revolucionários é percebido não como adesão, mas como submissão. A concepção do intelectual castrista é atacada na medida em que este não estaria apto a exercer a crítica necessária ao regime. As próprias condições de produção, marcadas pela censura, seriam deploráveis.

Percebe-se então que a representação do intelectual em *Encuentro* é a de um indivíduo crítico que age na esfera pública de forma independente e livre. Aproxima-se desta forma da concepção de Edward Said, a de um indivíduo que se esquiva da cooptação do poder institucional e que está disposto a trazer ao público os assuntos polêmicos e pouco debatidos. Concordando com a proposição do *New Herald* de Miami, o papel do intelectual seria o de “assumir um papel ativo, livre honesto e comprometido com a sociedade cubana perante a delicada situação em que padece a ilha”.<sup>196</sup> O intelectual se aproximaria então da proposição feita por Adorno. Em sua percepção é um imperativo moral que o intelectual seja como um exilado, mas de maneira consciente. A condição de exilado seria o fator que lhe permitiria exercer o pensamento crítico.<sup>197</sup>

A representação do intelectual na revista pode ser percebida em sua busca para recuperar escritores e artistas cujas trajetórias se chocaram com o ideal de adesão total do regime. Os indivíduos homenageados em cada exemplar foram aqueles que sofreram com a censura e com a perseguição política, aqueles cujas obras incomodaram ao Estado revolucionário e foram mesmo proibidas.

O criador de *Encuentro* seria um possível de intelectual a ser seguido. Jesús Díaz recebe uma homenagem no volume 25 da revista, por ocasião de sua morte em 2002. Díaz é tratado neste exemplar como um intelectual redimido: tendo colaborado com o regime até o ano de 1991 e participando de importantes produções como a revista *Pensamiento Crítico* e o periódico *El Caimán Barbudo*, Díaz teria se exilado e revisto a própria trajetória, tornando-se um crítico ao regime castrista e abordando temas que se constituíam como tabus na ilha. Após sua morte, *Encuentro* o celebra como um indivíduo que propiciou o livre debate das ideias e que contribuiu para a formação de um espaço plural e democrático.<sup>198</sup> Já no volume 24, em uma nota informando da morte do diretor, a redação de *Encuentro* afirma que ele “reunia uma série de qualidades - novelista rigoroso, pensador da literatura e da política, cineasta polêmico, criador de

<sup>196</sup> MARTÍNEZ, Manuel Díaz. Carta de los Diez. *Encuentro de la Cultura Cubana*, Madrid, n. 2, 1996, p. 26.

<sup>197</sup> MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia M. *Intelectuais no exílio*, p. 153.

<sup>198</sup> Introducción. *Encuentro de la Cultura Cubana*, Madrid, n. 25, 2002, p. 4.

revistas, guia de opinião - que o converteram no *protótipo* do intelectual público na segunda metade do século XX cubano”.<sup>199</sup>

Díaz defendeu a liberdade de produção e atuação do intelectual em Cuba, condenando a censura e a perseguição aos indivíduos. O engajamento cego em qualquer projeto político é visto como perigoso pelo autor e a colaboração deve ser ponderada e crítica. Para Jesús Díaz, a verdadeira literatura deve esquivar-se de ser marionetes ideológicas daqueles que detêm o poder.<sup>200</sup>

A proposta da revista *Encuentro de la Cultura Cubana* foi então além da tentativa de ligação entre os os cubanos de fora e dentro da ilha, assim como o estabelecimento de um espaço aberto para o debate e superação dos antagonismos. Os seus intelectuais assumiram também o compromisso de lutar por uma sociedade democrática e livre. Novamente a identificação do intelectual com estes ideais são construídos em oposição ao legado autoritário criado pela revolução.

O tema dos direitos humanos se tornou em Cuba uma plataforma para a crítica ao regime castrista e à falta de democracia no país. *Encuentro* dedica espaço ao tema e mesmo à cartas abertas que exigem do governo cubano o respeito no tratamento com homens e mulheres. A grande maioria das críticas ao regime cubano a partir dos anos 1990 se aglomera ao redor dos direitos humanos, assunto que ganha relevância especialmente após o final da Guerra Fria. Entretanto, o periódico entende os conceitos de democracia e de liberdade de forma bastante distinta das parcelas conservadoras no exílio. Embora a revista defenda o estabelecimento de uma democracia liberal em Cuba, ela recusou um posicionamento radical que exclua ou desqualifique qualquer cubano. A democracia deve conformar uma sociedade plural aberta aos debates e confrontos.

Em *Una delicada bomba de tiempo*, Jesús Díaz reconhece o fracasso de uma Revolução que conseguiu resolver poucos dos problemas que teriam a inspirado. Mas o criador de *Encuentro* tampouco se aproxima de um discurso do exílio que propõe uma sociedade nos moldes daquela conformada nos Estados Unidos. Díaz ataca Jorge Mas Canosa, fundador da Cuban American National Foundation, e a sua percepção de uma sociedade neoliberal. Ele afirma que o discurso

---

<sup>199</sup> Redacción. *Encuentro de la Cultura Cubana*, Madrid, n. 24, 2002, p. 4.

<sup>200</sup> MASPERÓ, François. *Encuentro, entre la isla y el exilio*, p. 103. Trata-se da já citada entrevista dada por Jesús Díaz ao jornal *Le Monde* em 29 de maio de 1998 e publicada em *Encuentro*.

conservador de Miami pouco representa Cuba em toda a sua diversidade, um discurso que ignora a população negra, mestiça e pobre da ilha. Esta proposta não interessaria aos cubanos.<sup>201</sup>

Assim, a democracia de *Encuentro* não passou apenas pela defesa dos direitos humanos e dos direitos civis. A revista propõe uma transição em que esteja pautada pela justiça social e pela distribuição das riquezas nacionais, assim como a fundação de uma sociedade com ativa participação dos cidadãos.<sup>202</sup> Os membros de *Encuentro* criticaram a Revolução e seu legado autoritário e excludente, mas não abandonaram seus princípios motivadores.

Ao longo das páginas de seus 25 primeiros volumes analisados, *Encuentro de la Cultura Cubana* buscou se constituir como uma ponte de ligação entre os cubanos da ilha e os do exílio. A revista estabeleceu um espaço aberto para a discussão e para o debate, aceitando opiniões contraditórias e divergentes, mas recusando-se a adotar um posicionamento político radical.

Durante a direção de Jesús Díaz, a revista adotou a noção da *cultura como lugar de encontro* como maneira de superar as barreiras e o sentimento de solidão impostos pelo exílio. Através desta percepção *Encuentro* buscou reunir parte da produção cultural e intelectual de cubanos exercida fora da ilha, valorizando autores e obras que haviam sido colocadas à margem pelo regime castrista e recuperando indivíduos cuja memória o poder vigente na ilha tentou destruir.

Percebemos nesta tentativa a conformação de uma oposição à identidade política e cultural construída pelo governo revolucionário. *Encuentro de la Cultura Cubana* se posicionou contra um referencial identitário fundamentado nas diretrizes revolucionárias e em um projeto político autoritário. *Encuentro* consegue, entretanto, exercer a crítica ao governo castrista e uma revisão dos legados da Revolução Cubana sem adotar uma perspectiva conservadora ou reacionária, sem cair em argumentos e práticas tão excludentes e autoritárias quanto àquelas propostas nos discursos de parte da comunidade exilada presente nos Estados Unidos.

O exílio é recuperado como uma experiência dolorosa, a negação da identidade do indivíduo e do seu pertencimento ao corpo social da nação. Mas em meio aos relatos de sofrimento e exclusão, o exílio é também percebido como possibilidade. Em terras estrangeiras, os cubanos puderam conformar uma oposição e articular um discurso com elementos distintos daqueles eleitos pelo regime castrista para construir o sentimento de *cubanidade*.

Neste esforço, a figura do intelectual é de fundamental importância. *Encuentro* o entende como um criador e mediador de cultura que age na esfera pública, mas percebe nele um

---

<sup>201</sup> DÍAZ, Jesús. *Una delicada bomba de tiempo*, p. 132-133.

<sup>202</sup> Os temas da transição democrática e da participação social aumentam ao longo das publicações da revista, especialmente com a deterioração do estado de saúde de Fidel Castro. O volume 6-7 dedica-se à debater a transição.

compromisso com a democracia e com a liberdade. O intelectual como concebido pela revista não deveria se omitir e jamais se entregar a qualquer causa de forma acrítica, sempre disposto a problematizar questões polêmicas e estimular o debate público.

Percebemos então em *Encuentro de la Cultura Cubana* um projeto político para o presente e futuro da ilha. Antes de seu último *hasta luego*, no outono espanhol de 2009, *Encuentro* e seus intelectuais se comprometeram em contribuir para o debate do estabelecimento de uma sociedade democrática e plural em Cuba, uma sociedade que integrasse ao invés de excluir, com intensa participação popular e respeito pela diversidade humana.

Recebido em: 25/06/2013

Aceito em: 06/01/2014